

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA
CURSO DE NUTRIÇÃO

GABRIELA PACHECO FERREIRA

**NOÇÕES RELACIONADAS AO CONCEITO DE ALIMENTAÇÃO
PRESENTES NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL:
ESTÍMULO E OPORTUNIDADE DE CONCEITUAÇÃO**

Porto Alegre

2019

GABRIELA PACHECO FERREIRA

**NOÇÕES RELACIONADAS AO CONCEITO DE ALIMENTAÇÃO
PRESENTES NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL:
ESTÍMULO E OPORTUNIDADE DE CONCEITUAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Nutrição, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Curso de Nutrição.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maurem Ramos
Coorientadora: Me. Vanessa Just Blanco

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Gabriela Pacheco

Noções relacionadas ao conceito de alimentação presentes nos livros de literatura infantojuvenil: estímulo e oportunidade de conceituação / Gabriela Pacheco Ferreira. -- 2019.

58 f.

Orientadora: Maurem Ramos.

Coorientadora: Vanessa Just Blanco.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Curso de Nutrição, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Alimentação. 2. Nutrição. 3. Literatura Infantojuvenil. I. Ramos, Maurem, orient. II. Blanco, Vanessa Just, coorient. III. Título.

GABRIELA PACHECO FERREIRA

**NOÇÕES RELACIONADAS AO CONCEITO DE ALIMENTAÇÃO PRESENTES
NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL: ESTÍMULO E
OPORTUNIDADE DE CONCEITUAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Nutrição, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Curso de Nutrição.

Porto Alegre, 08 de julho de 2019.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação “Noções relacionadas ao conceito de alimentação presentes nos livros de literatura infantojuvenil: estímulo e oportunidade de conceituação”, elaborado por Gabriela Pacheco Ferreira, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Nutrição.

Comissão Examinadora:

Dr^a. Ana Luiza Sander Scarparo

Prof^a. Me. Miriam Sobieszczanski

Prof^a. Dr^a. Maurem Ramos - Orientadora

Me. Vanessa Just Blanco - Coorientadora

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer primeiramente aos meus pais, Luiz Carlos Ferreira e Rosana Beckel Pacheco, à minha irmã Carolina Pacheco Ferreira e à mascote da família Luly. Sem o apoio, palavras de incentivo, sabedoria, conhecimento, carinho e amor eu não teria conseguido chegar até aqui. Aos meus avós, por sempre acreditarem em mim. Eu amo vocês incondicionalmente e obrigada por serem os meus maiores incentivadores!

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Maurem, e à coorientadora, Vanessa, por terem embarcado comigo neste desafio que foi o tema do meu trabalho. Obrigada por todo o auxílio, sugestões, conhecimento e disponibilidade que vocês tiveram.

À todas as professoras que a Faculdade de Nutrição me proporcionou. Muito obrigada por compartilharem o conhecimento, experiência e tempo de vocês comigo. Com certeza vocês me fizeram uma pessoa e profissional melhor.

À Kamila Castro, que conheci como orientadora da bolsa de iniciação científica e que se tornou uma grande amiga. Obrigada por ensinar, orientar, ter paciência comigo, pelas viagens, eventos e parceria.

Às amigas que a graduação me proporcionou. Obrigada pelo companheirismo e surtos coletivos.

É impossível colocar o nome de todos os amigos e familiares e agradecer aqui, mas saibam que vocês foram muito importantes nesta caminhada até aqui. Muito obrigada por todas as viagens, shows, loucuras, indiadas, discussões (tanto as produtivas como as nem tanto) e momentos compartilhados.

RESUMO

A literatura, presente durante o desenvolvimento das crianças, quando a construção de determinados conceitos e noções se faz importante para uma maior autonomia nas escolhas alimentares, pode ser utilizada como uma ferramenta de aprendizagem. Por isso, procurou-se compreender como os autores de livros criam oportunidades para que as crianças desenvolvam noções complementares ao conceito de Alimentação quando da leitura de livros. Trata-se, pois, de um estudo exploratório, no qual foram analisados três livros da literatura infantojuvenil brasileira. Os dados sobre noções foram coletados por meio de ficha de leitura. Foram encontradas noções referentes a comensalidade, sazonalidade, cultura alimentar, racismo alimentar, escolha alimentar, estrutura alimentar e comportamento alimentar. A partir deste estudo, concluiu-se que os autores de livros de literatura infantojuvenil propiciam a oportunidade de a criança desenvolver noções sobre alimentação, as quais são relevantes para conscientização quanto às escolhas alimentares.

Palavras chave: Alimentação; Nutrição; Literatura Infantojuvenil

ABSTRACT

Literature, present during the development of children, when construction of certain concepts and notions is important for greater autonomy in food choices, can be used as a learning tool. For this reason, we sought to understand how the authors of books create opportunities for children to develop complementary notions to the concept of Food by reading books. This is an exploratory study, where three Brazilian books of juvenile literature were analyzed. Data on notions were collected through a reading scheme. Notions regarding commensality, seasonality, food culture, food racism, food choice, food structure and food behavior were found. From this study, it was concluded that authors of juvenile literature books provide the opportunity for the child to develop notions about food, which are relevant to awareness of food choices.

Keywords: Feeding; Nutrition; Juvenile Literature

RESUMEN

La literatura, muy presente durante el desarrollo de los niños, cuándo la construcción de determinados conceptos y nociones es importante para una mayor autonomía de las elecciones alimenticias, puede ser utilizada como una herramienta de aprendizaje. Por este motivo, se buscó comprender como los autores de libros crean oportunidades para que los niños desarrollen nociones complementarias al concepto de Alimentación a través de la utilización de libros. Se trata de un estudio exploratorio, en el cual se analizaron tres libros de la literatura infanto-juvenil brasileña. Los datos sobre las nociones se recopilaron a través de un esquema de lectura. Se han encontrado nociones referentes a comensalidad, estacionalidad, cultura alimentaria, racismo alimenticio, elección alimentaria, estructura alimentaria y comportamiento alimentario. A partir de este estudio, se concluyó que los autores de libros de literatura infanto-juvenil propician la oportunidad del niño desarrollar nociones sobre alimentación, las cuales son relevantes para concientización cuanto a las opciones alimenticias.

Palavras clave: Alimentación; Nutrición; Literatura Infanto-juvenil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 A importância da alimentação para formação do ser biológico e social	12
2.2 Relevância da Literatura Infantojuvenil para o desenvolvimento da criança	14
2.3 Desenvolvimento de noções	16
3 JUSTIFICATIVA	19
4 OBJETIVOS	19
4.1 Objetivo Geral	19
4.2 Objetivos Específicos	19
5 ARTIGO ORIGINAL	20
6 NORMAS DA REVISTA DE INTERESSE DE SUBMISSÃO	43
6.1 Revista	43
6.2 Seções do periódico: Artigos	43
6.3 Forma e preparação do manuscrito	43
6.3.1 Formato e Estrutura	43
6.3.2 Comitê de Ética	45
6.3.3 Imagens, figuras ou desenhos	46
6.3.4 Referências e citações	46
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
8 REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

Durante o percurso de desenvolvimento da criança, quando estas agem sobre os objetos, há a construção de diferentes noções (conhecimentos elementares), as quais viabilizam que paulatinamente, na continuidade deste processo, se formulem conceitos - saberes mais elaborados e próximos do real e do cientificamente estabelecido (PIAGET, 1977; WADSWORTH, 2003).

Piaget, ao estudar o desenvolvimento da criança, separou-o em quatro períodos, contemplando características comuns às crianças (sujeito epistemológico ou ideal; e sujeito psicológico ou real) em cada período do desenvolvimento cognitivo, considerando a organização mental e as diferentes maneiras de se relacionar e interpretar o ambiente (TERRA, 2019).

Durante o período sensório-motor, momento inicial do desenvolvimento, há progressos, por exemplo, quanto às noções de espaço e tempo. No operatório-concreto, a criança já consegue relacionar diferentes aspectos do objeto e abstrair dados concretos da realidade com mais facilidade, aperfeiçoando as noções de tempo, espaço, velocidade, ordem e causalidade (WADSWORTH, 2003).

Dessa maneira, vê-se que há momentos mais propícios ao fortalecimento e construção de algumas noções e conceitos, sendo esses facilitados pelo estágio de desenvolvimento cognitivo da criança, assim como pela oportunidade de prática e pela existência de estímulos ambientais para conceituação.

É relevante esclarecer ainda que os conceitos possuem uma *Áurea Conceitual* (GIORDAN; DE VECCHI, 1996), ou seja, uma gama de conceitos periféricos que são demandados para que o principal seja compreendido. Por conta disso, pode-se dizer que algumas noções contribuem para construção de outras. Veja-se, por exemplo, que no caso do conceito principal *Alimentação*, há outros conhecimentos prévios (conceitos periféricos ou noções complementares) que são demandados para o entendimento de toda complexidade de sentido que esta palavra detém, como *deglutição*, *digestão*, *comensalidade*, entre outros.

Giordan e De Vecchi (1996) ressaltam a indispensabilidade de se questionar se as pessoas, principalmente as crianças, dominam a áurea conceitual referente ao conceito principal que se está abordando. Haja vista a importância de conhecer-se a áurea conceitual e mesmo os meios de desenvolvimento de noções para o

aprendizado da criança, foca-se este estudo neste caminho no que tange à noção de *Alimentação*.

As noções relacionadas à Alimentação foram escolhidas por serem importantes para o desenvolvimento da criança e para um melhor entendimento de mundo. A alimentação é muito mais do que o simples ato de comer; ela envolve aspectos fisiológicos, emocionais, culturais, sociais, além da experiência do indivíduo com o alimento. Tudo isto faz com que o ato de comer tenha valor simbólico e cultural, e não se trate apenas de uma questão de sobrevivência (ALVARENGA; KORITAR, 2015; LIMA; NETO; FARIAS, 2015).

Por meio da literatura, por exemplo, é possível construir noções e conceitos voltados para a ideia de Alimentação. Ler não serve apenas para dominar conhecimentos linguísticos, fonéticos, morfológicos, semânticos e gramaticais, mas também para a conquista de mais autonomia e desenvolvimento de senso crítico e novos saberes, permitindo a ampliação dos horizontes de quem lê.

Quando se estimula a criança a ler, promove-se a reflexão, o desenvolvimento cognitivo, a formulação de pensamentos críticos e de conceitos sobre diversos assuntos, bem como se oportunizam vivências e atuações sobre objetos através dos personagens. Além disso, a leitura é uma forma de representação simbólica, sendo um dos pilares da construção do conhecimento de mundo da criança (BLANCO; SILVA; SOBIESZCZANSKI, 2015).

Em face da manifesta relevância da literatura infanto-juvenil para o desenvolvimento da criança, assim como da construção de noções complementares ao conceito de Alimentação, é relevante que se compreenda como essas noções podem ser construídas pela criança a partir da leitura de obras literárias, como o autor estimula e viabiliza a elaboração conceitual deste público.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A importância da alimentação para formação do ser biológico e social

A alimentação é muito mais do que o simples ato de comer. Ela envolve aspectos fisiológicos, emocionais, culturais, sociais, além da experiência que o indivíduo apresenta para com o alimento (ALVARENGA; KORITAR, 2015). Isto tudo faz com que o ato de comer tenha um significado de comportamento simbólico e cultural, e não apenas de sobrevivência (LIMA; NETO; FARIAS, 2015).

A alimentação é um ritual essencial à vida, presente desde os primeiros momentos e antes mesmo do nascimento. Os alimentos consumidos pela matriz durante a gestação influenciam diretamente no desenvolvimento do feto (RAMAKRISHNAN; IMHOFF-KUNSCH; MARTORELL, 2014). Logo após o nascimento, há o desenvolvimento de uma relação muito importante: o vínculo mãe-bebê, que ocorre durante os momentos de aleitamento materno, iniciando o relacionamento, a formação dos hábitos e atitudes alimentares da criança com a comida, além de promover a afeição e a união entre mãe e filho (MAHAM; ESCOTT-STUMP; RAYMOND, 2012; ALVARENGA *et al.*, 2015).

Após esse período de aleitamento materno exclusivo, é recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), assim como pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2002) que, a partir dos seis meses de vida, a alimentação complementar comece a ser ofertada (WHO, 2018). No caso de recusa alimentar em uma primeira tentativa de oferta do alimento, os pais não devem desanimar. É importante que o alimento seja oferecido entre oito a dez vezes (BRASIL, 2002) para que a criança o aceite, sempre tomando o cuidado de não forçar a ingestão, evitando, assim, uma eventual aversão ao alimento. Todo este processo é necessário para a formação do comportamento alimentar e para o desenvolvimento saudável da criança.

A formação do comportamento alimentar das crianças ocorre desde a primeira mamada e permanece acontecendo após a transição para a alimentação da família. As crianças precisam de ajuda para se alimentarem nos primeiros anos de vida. A partir do segundo ano, muitas aprendem a utilizar a colher, começando o processo de independência na hora da alimentação. E, é partir desta idade até os seis anos, fase pré-escolar, que o consumo alimentar e o interesse pelos alimentos pode divergir ou diminuir, pois o ato de comer torna-se às vezes secundário ao interesse pelo

desenvolvimento social, linguístico e cognitivo (MAHAM; ESCOTT-STUMP; RAYMOND, 2012; ALVARENGA *et al.*, 2015).

Na fase escolar – entre os seis e os dez anos –, as crianças começam a sofrer maiores influências do meio na hora das escolhas alimentares, pois a alimentação começa a ter como objetivo a socialização. Esse momento coincide com o do aumento da porcentagem de gordura corporal anterior ao estirão do crescimento (MAHAM; ESCOTT-STUMP; RAYMOND, 2012; ALVARENGA *et al.*, 2015).

A adolescência – dos dez aos 19 anos – é o momento em que diversas mudanças metabólicas acontecem, aumentando as demandas nutricionais e calóricas. Os indivíduos aprendem o conceito de nutrientes na escola, contudo, ainda ficam em dúvida na hora de fazer as escolhas alimentares – escolher um alimento nutritivo ou um alimento de preferência e sem valor nutritivo (MAHAM; ESCOTT-STUMP; RAYMOND, 2012; ALVARENGA *et al.*, 2015).

Durante toda a vida da criança, o social exerce influência na formação dos comportamentos alimentares. A prática da comensalidade oportuniza interação com outras pessoas, essa é uma das formas de regulação e ensino da forma de alimentação dos indivíduos pela sociedade. De acordo com a definição do minidicionário Silveira Bueno (2000), comensalidade é definida como camaradagem à mesa.

Pode-se dizer que a comensalidade é percebida como um dos elementos fundadores da civilização humana em seu processo de criação. A comensalidade tem como significado a capacidade de estabelecer relações de sociabilidade importantes, reunindo as pessoas em torno da mesa através do alimento, fazendo com que a comida tenha função agregadora. Para Contreras & Garcia (*apud* LIMA; NETO; FARIAS, 2015), pode-se afirmar que “somos o que comemos” e “comemos o que somos”, pois incorporamos o significado psicossocial dos elementos culturais do que ingerimos.

O livro *História da Alimentação*, de Jean-Louis Flandrin e Massimo Montanari (2009), mostra que em tempos muito antigos, quando as relações de trabalho eram entre o senhor e seus vassallos, o comer e o beber junto serviam para fortalecer a amizade entre os iguais. Já em um nível social mais baixo, os acordos comerciais eram feitos na taberna, diante de uma “panela” (FLANDRIN; MONTANARI, 2009, p. 33), fazendo com que a comida compartilhada tivesse um significado diferente.

O papel social e cultural do alimento, no entanto, não é muito trabalhado em sala de aula, sendo a visão biologicista, que advém do ensino de ciências, contribuinte para esse distanciamento quanto a esta reflexão. Quando a alimentação é trabalhada nas disciplinas, e não consideramos os seus aspectos sociais e culturais, acabamos limitando as discussões que a envolvem (LIMA; NETO; FARIAS, 2015). Assuntos referentes à alimentação devem ser abordados de forma contínua e em diversas áreas do currículo escolar, visto que esta é uma atividade cotidiana e é essencial à vida humana, tanto em termo de desenvolvimento biológico quanto social dos indivíduos.

A importância da alimentação para a criança está além da energia e nutrientes fornecidos, reside no conhecimento de mundo adquirido através do contato com diversas cores, formas, texturas e sabores nos momentos de socialização que envolvem as refeições; no aprender a compartilhar; no contato com diferentes culturas; nas aventuras exploratórias de novos sabores.

2.2 Relevância da Literatura Infantojuvenil para o desenvolvimento da criança

A literatura é um tipo de manifestação artística que se desenvolve através das palavras e que envolve contextos históricos, psicológicos, sociais e culturais, representando, assim, o Mundo, o Homem e a Vida. Ela junta e transforma os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível (ou impossível) realização. O ato de ler não é apenas um aprendizado, mas sim uma conquista de autonomia, permitindo a ampliação de nossos horizontes. Todos os aspectos envolvidos em sua construção são importantes para a “construção do homem como o concebemos atualmente” (BLANCO; SILVA; SOBIESZCZANSKI, 2015).

Quando se estimula a criança a ler, promove-se a reflexão e, conseqüentemente, a formulação de pensamentos críticos sobre os assuntos apresentados no momento. Além disso, as histórias despertam a curiosidade, trabalham o imaginário da criança, enriquecendo, assim, suas representações e conceitos sobre a vida (BLANCO; SILVA; SOBIESZCZANSKI, 2015).

Para Bier (2004 *apud* BLANCO; SILVA; SOBIESZCZANSKI, 2015) a interação da literatura com a criança auxilia no desenvolvimento cognitivo da mesma, visto que esta estimula todas as potencialidades latentes de seu ser; desperta valores espirituais; desencadeia sonhos, fantasia, imaginação, gosto artístico; desenvolve a capacidade expressiva e contribui para a formação da consciência linguística. O

mundo representado pelas histórias infantis pode ser entendido como real para as crianças.

Diversos são os valores trabalhados nos livros infantis e infantojuvenis, juntamente com a ética, visando conscientizar a criança e o adolescente sobre a vida em sociedade, exaltando a bondade, amor, caridade, fé, além do desenvolvimento de suas próprias ideologias e do seu potencial crítico. “A linguagem utilizada nas narrativas infantis lida com questões humanas e sociais de forma subentendida, permitindo uma diferenciação entre o real e o imaginário, bem como uma apropriação de valores culturais” (BLANCO; SILVA; SOBIESZCZANSKI, 2015, p. 120).

A literatura é indispensável na formação integral da criança e do adolescente, pois inserindo os mesmos desde cedo no universo literário, estes ampliam a visão sobre o contexto social em que vivem, desenvolvem a habilidade de fazer análises e criticar determinados assuntos. Isso ajuda tanto no momento de reflexão sobre os valores aprendidos com a família (D’ONOFRIO, 2015) quanto na escola.

A leitura de literatura infantojuvenil é uma atividade lúdica, é fantasia, é questionamento e faz com que a criança ou o adolescente encontre, às vezes, respostas para suas perguntas. A literatura deve divertir “ao mesmo tempo em que agrega novos aspectos do conhecimento, que satisfaçam a necessidade de experiência e ampliem a imaginação dos leitores” (JUZWIAK, 2013, p. 475). Os livros lidos na infância permanecem na memória até o fim da vida. Eles oferecem boas memórias e, conforme os anos passam, vamos regressando a elas de tempos em tempos. Oliveira (1978 apud D’ONOFRIO, 2015, p. 38) afirma que “a literatura infantil é como ‘alimento do espírito da criança’, ou seja, pode diferenciar-se no sabor e na consistência da alimentação de um adulto, mas carrega os mesmos nutrientes. A literatura infantil nutre a formação intelectual da criança”.

A escrita de histórias e livros infantis começou a se intensificar nos últimos quatro séculos, período em que a literatura infantil passou a se desenvolver, visto que a infância começou a ser considerada uma fase importante do desenvolvimento. No Brasil, os primeiros livros destinados ao público infantil apareceram no final do século XIX.

As primeiras obras infantis que apareceram no país, segundo Zilberman (2005), foram (a) histórias estrangeiras traduzidas, (b) histórias originalmente destinadas ao público adulto e que foram adaptadas para o público infantil, (c) materiais escolares adaptados e (d) contos da tradição popular que eram contadas em voz alta por mães,

amas-de-leite, escravas e ex-escravas. Carl Jensen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac foram os primeiros autores que contribuíram para a literatura infantil brasileira.

O acervo de histórias infantis e infantojuvenis é gigantesco e nele podemos encontrar várias situações relacionadas à alimentação ou afins. Assuntos esses que podem ser trabalhados tanto no ambiente escolar quanto no lar. São diversos os momentos em que os alimentos aparecem nas histórias, como em “a cesta de piquenique de Chapeuzinho Vermelho; o mingau dos três ursos, apreciado por Cachinhos dourados; a casa de guloseimas, encontrada em João e Maria, e os banquetes nos finais felizes das princesas” (JUZWIAK, 2013, p. 476). Além destas, temos a maçã envenenada de *A Branca de Neve*; *Os Três Porquinhos* como alvo de interesse alimentar do lobo mau; o pé de feijão gigante em *João e o Pé de Feijão*.

Além disso, Juswiak (2013) traz que o tipo de mensagem a que a criança é exposta parece influenciar na resposta apresentada por ela em relação ao alimento. No estudo realizado por Lawatch (1990) foi possível verificar que houve um maior consumo de lanches à base de hortaliças após o grupo intervenção ser exposto à mensagem positiva que enfatizava os benefícios de comer uma variedade de vegetais e que usava de ilustrações com cores mais claras e personagens mais felizes e sorrindo no conto de fadas. Byrne e Nitzke (2000) avaliaram 114 livros infantis, onde 152 das 199 menções a alimentos puderam ser classificadas em grupos alimentares específicos, sendo os grãos os alimentos mais mencionados, seguido por frutas, gorduras/doces, carnes e laticínios, respectivamente.

Os livros estão muito presentes na vida das pessoas, especialmente do público infantojuvenil, sendo utilizados nas escolas. Essas histórias, em sua maioria, fazem menção aos alimentos pelo menos uma vez, mostrando como são consumidos e com quem. Em alguns casos, os livros apresentam mensagens relacionadas aos alimentos que, como já demonstrado anteriormente, podem influenciar nas escolhas alimentares e, conseqüentemente, na formação do comportamento alimentar, mostrando que essa pode ser uma criadora de hábitos.

2.3 Desenvolvimento de noções

Quando falamos sobre a construção das noções, estamos falando sobre a compreensão e criação de conceitos conforme a criança amadurece. Jean Piaget, estudioso da epistemologia e psicologia, entende “o desenvolvimento mental,

basicamente, como um processo de adaptação ao meio e uma extensão do desenvolvimento biológico” (WADSWORTH, 2003, p. 6). O pensamento lógico é construído através da interação homem-objeto (TERRA, 2019), e o progresso das estruturas de inteligência e sentimentos começam na primeira infância.

A leitura é uma forma de promover a representação simbólica pela criança. Contudo, esta precisará do conhecimento físico dos objetos, como tamanho, forma, textura e peso para consolidar noções e conceitos. Isto significa que a leitura, mesmo com ilustrações, é apenas um dos pilares da construção do conhecimento de mundo da criança, mas não o único (WADSWORTH, 2003).

No período operatório-concreto, no qual se enquadram melhor os leitores para os quais se destinam os livros deste estudo, a criança revela deter certa lógica de pensamento, pois efetua “processos de pensamentos lógicos (operações) que podem ser aplicados a problemas reais (concretos)” (WADSWORTH, 2003, p. 103), no entanto, sem muitas variáveis para análise. Ainda, há a construção de conhecimentos elementares e básicos, que originam partes que irão compor posteriormente um todo complexo (PIAGET, 1977).

Piaget (1977) explica que o desenvolvimento de noções até conceitos complexos ocorre mediante tomadas de consciência. Este processo acontece gradativamente e de modo contínuo. Porém, demanda um gatilho, ou seja, um fator desequilibrante, como o contato com uma informação ainda desconhecida ou pouco estruturada pelo sujeito que conste em um livro de literatura. A verdade é que “não há nutrição sem necessidade alimentar; não há trabalho sem necessidade; não existe ato de inteligência sem questão, isto é, sem que se sinta uma lacuna, portanto, sem desequilíbrio, sem necessidade” (PIAGET, 1954, p. 145).

Na busca por respostas, o sujeito assimila e acomoda novos objetos e noções ou mesmo reelabora aqueles dados que já internalizou, conscientizando-se progressivamente sobre suas ações e conceitos. Por assimilação, Piaget entende ser “a fusão de um objeto novo a um esquema já existente” (BATTRO, 1978, p. 35). Enquanto isso, acomodação é a modificação de um esquema ou estruturação de um novo com a finalidade de comportar um objeto até então ignorado ou inexplorado (WADSWORTH, 2003).

Em verdade, a relevância do desenvolvimento de todas as noções relativas à alimentação, abordadas neste estudo, deve-se à necessidade de consolidação de conhecimentos que oportunizem ao sujeito uma conduta mais autônoma e mais

saudável, tal qual indicado no Guia Alimentar para População Brasileira (BRASIL, 2014):

A constituição da autonomia para escolhas mais saudáveis no campo da alimentação depende do próprio sujeito, mas também do ambiente onde ele vive. Ou seja, depende da capacidade individual de fazer escolhas de governar e produzir a própria vida e também de condições externas ao sujeito, incluindo a forma de organização da sociedade e suas leis, os valores culturais e o acesso à educação e a serviços de saúde (p. 16).

3 JUSTIFICATIVA

A presente análise justifica-se pela falta de estudos que relacionem os assuntos alimentação e nutrição na literatura infantojuvenil, mesmo sendo esta um meio de manifestação artística e cultural tão presente na vida das crianças, podendo funcionar como uma criadora ou modificadora de hábitos alimentares.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar como os autores de obras brasileiras de literatura infantojuvenil oportunizam às crianças desenvolver noções complementares, relacionadas ao conceito de *Alimentação*, por meio da leitura de livros.

4.2 Objetivos Específicos

- a) Averiguar como a literatura infantojuvenil pode ser uma aliada na construção de conhecimento a respeito dos temas relacionados à alimentação;
- b) Verificar, de forma breve, o processo de constituição de noções pelo infante;
- c) Avaliar a importância das noções encontradas sobre alimentação para o desenvolvimento da criança;
- d) Apontar como os autores de livros estimulam o desenvolvimento de noções sobre alimentação em seus livros.

5 ARTIGO ORIGINAL

Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação

NOÇÕES RELACIONADAS AO CONCEITO DE ALIMENTAÇÃO PRESENTES NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTOJUVENIL: ESTÍMULO E OPORTUNIDADE DE CONCEITUAÇÃO

Notions related to the concept of food present in books of juvenile literature: stimulus and opportunity of concept

Nociones relacionadas com el concepto de alimentación presentes en libros de literatura infanto-juvenil: estimulo y oportunidad del concepto

(a) Gabriela Pacheco Ferreira

(a) Maurem Ramos

(b) Vanessa Just Blanco

(a) Curso de Nutrição, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

(b) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6093-9093>.

RESUMO

A literatura, presente durante o desenvolvimento das crianças, quando a construção de determinados conceitos e noções se faz importante para uma maior autonomia nas escolhas alimentares, pode ser utilizada como uma ferramenta de aprendizagem. Por isso, procurou-se compreender como os autores de livros criam oportunidades para que as crianças desenvolvam noções complementares ao conceito de Alimentação quando da leitura de livros. Trata-se, pois, de um estudo exploratório, no qual foram analisados três livros da literatura infantojuvenil brasileira. Os dados sobre noções foram coletados por meio de ficha de leitura. Foram encontradas noções referentes a comensalidade, sazonalidade, cultura alimentar, racismo alimentar, escolha alimentar,

estrutura alimentar e comportamento alimentar. A partir deste estudo, concluiu-se que os autores de livros de literatura infantojuvenil propiciam a oportunidade de a criança desenvolver noções sobre alimentação, as quais são relevantes para conscientização quanto às escolhas alimentares.

Palavras-chave: Alimentação; Nutrição; Literatura Infantojuvenil

ABSTRACT

Literature, present during the development of children, when construction of certain concepts and notions is important for greater autonomy in food choices, can be used as a learning tool. For this reason, we sought to understand how the authors of books create opportunities for children to develop complementary notions to the concept of Food by reading books. This is an exploratory study, where three Brazilian books of juvenile literature were analyzed. Data on notions were collected through a reading scheme. Notions regarding commensality, seasonality, food culture, food racism, food choice, food structure and food behavior were found. From this study, it was concluded that authors of juvenile literature books provide the opportunity for the child to develop notions about food, which are relevant to awareness of food choices.

Keywords: Feeding; Nutrition; Juvenile Literature

RESUMEN

La literatura, muy presente durante el desarrollo de los niños, cuándo la construcción de determinados conceptos y nociones es importante para una mayor autonomía de las elecciones alimenticias, puede ser utilizada como una herramienta de aprendizaje. Por este motivo, se buscó comprender como los autores de libros crean oportunidades para que los niños desarrollen nociones complementarias al concepto de Alimentación a través de la utilización de libros. Se trata de un estudio exploratorio, en el cual se analizaron tres libros de la literatura infanto-juvenil brasileña. Los datos sobre las nociones se recopilaron a través de un esquema de lectura. Se han encontrado nociones referentes a comensalidad, estacionalidad, cultura alimentaria, racismo alimenticio, elección alimentaria, estructura alimentaria y comportamiento alimentario. A partir de este estudio, se concluyó que los autores de libros de literatura infanto-juvenil propician la oportunidad del niño desarrollar nociones sobre

alimentación, las cuales son relevantes para concientización cuanto a las opciones alimenticias.

Palavras chave: Alimentación; Nutrición; Literatura Infanto-juvenil

INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento da criança, quando estas agem sobre os objetos, há a construção de diferentes noções (conhecimentos elementares), as quais viabilizam que paulatinamente se formulem conceitos - saberes mais elaborados e próximos do real e do cientificamente estabelecido^{1,2}. Sabe-se que há momentos mais propícios, segundo Piaget¹, para o fortalecimento e construção de algumas noções e conceitos, sendo esses facilitados pelo estágio de desenvolvimento cognitivo da criança³, assim como pela oportunidade de prática e pela existência de estímulos ambientais para conceituação.

É relevante esclarecer que os conceitos possuem uma *Áurea Conceitual*⁴, uma gama de conceitos periféricos que são demandados para que o principal seja compreendido. Pode-se dizer que algumas noções contribuem para construção de outras. Veja-se que no caso do conceito principal *Alimentação*, há outros conceitos periféricos que são demandados para o entendimento da complexidade de sentido desta palavra, como *deglutição*, *digestão*, *comensalidade*, entre outros. Giordan *et al.*⁴ ressaltam a indispensabilidade de se questionar se as pessoas dominam a áurea conceitual referente ao conceito principal que é abordado.

As noções relacionadas à Alimentação foram escolhidas por serem importantes para o desenvolvimento da criança e para um melhor entendimento de mundo. A alimentação é muito mais do que o simples ato de comer; ela envolve aspectos fisiológicos, emocionais, culturais, sociais, além da experiência do indivíduo com o alimento. Assim, o ato de comer tem valor simbólico e cultural, e não se trata apenas de uma questão de sobrevivência^{5,6}.

Por meio da literatura, é possível construir noções e conceitos. Ler não serve apenas para dominar conhecimentos linguísticos, fonéticos, entre outros, mas também para a conquista de mais autonomia, ampliando os horizontes de quem lê. Quando se estimula a criança a ler, promove-se a reflexão, o desenvolvimento cognitivo, a formulação de pensamentos críticos e de conceitos sobre diversos

assuntos, bem como se oportunizam vivências e atuações sobre objetos através dos personagens. Ademais, a leitura é uma forma de representação simbólica, sendo um dos pilares da construção do conhecimento de mundo da criança⁷.

Em face da relevância da literatura infantojuvenil e da construção de noções complementares ao conceito de Alimentação para o desenvolvimento da criança, objetiva-se com este estudo compreender como os autores de obras literárias estimulam e viabilizam a elaboração de noções pelo infante que entra em contato com o livro.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, para o qual foram escolhidos três livros da literatura infantojuvenil brasileira, compondo uma amostra por conveniência. Chegou-se a estes livros através da indicação dos mesmos por professores durante a vida escolar de uma das autoras.

A literatura selecionada é brasileira, para aproximação do objeto de pesquisa da população local, e infantojuvenil, por serem os livros iniciais com que se tem contato na escola, permitindo a construção de um conjunto semântico, e por haver estudos que mencionam a relevância desses na educação nutricional^{8,9,10}. As obras selecionadas (Quadro 1) precisavam conter, obrigatoriamente, conteúdo sobre alimentação.

Quadro 1 - Obras analisadas

Livro	Título
1	As frangas ¹¹
2	Meu livro de folclore ¹²
3	A vida do elefante Basílio ¹³

Entende-se que o quantitativo de livros neste estudo é suficiente para produzir informações para reflexão e pesquisas futuras, as quais, por meio da replicação dos achados, poderão confirmar os resultados encontrados. “O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações”¹⁴ (p. 58).

A coleta de dados ocorreu de janeiro a maio de 2019, tendo como foco a análise crítica e descritiva sobre como noções relacionadas à Alimentação são apresentadas de forma prática e lúdica nos livros. Adota-se o termo noção, pois se buscam os conhecimentos básicos apropriados das práticas da criança, os construídos individualmente, sem ser o conceito dado, definido cientificamente ou consolidado socialmente.

Para a coleta de dados, primeiramente, realizou-se uma leitura para verificar se o tema alimentação aparecia nos livros, descartando-se obras que não se adequassem aos propósitos desta pesquisa. Posteriormente, fez-se uma leitura mais aprofundada para extração dos dados com suporte de um instrumento de coleta de dados: ficha de leitura. A primeira ficha estava organizada por colunas, conforme segue: 1) temas relacionados com alimentação e saúde; 2) palavras-chave; 3) trechos do livro e/ou comentários; 4) número da(s) página(s) com os trechos.

Após a primeira coleta, foi preenchida uma segunda ficha, para busca das noções complementares à de *Alimentação* existentes nos trechos coletados na primeira ficha, contendo as colunas: 1) noção encontrada; 2) exemplos no livro 1; 3) exemplos no livro 2; 4) exemplos no livro 3 (Quadro 1). Verificou-se a existência de grande variedade de noções que poderiam ser trabalhadas, contudo, selecionaram-se apenas as que apareciam de forma recorrente entre os livros ou as que se voltavam para o lado social da alimentação.

A análise foi feita através da construção de subitens com as noções complementares encontradas, colocando-se os trechos dos livros como exemplos e explicando-se como o autor desenvolve cada uma das noções.

RESULTADOS

Foram encontradas noções complementares ao conceito macro (ou noção principal) de *Alimentação*, como comensalidade, sazonalidade, comportamento, cultura, racismo, escolha e estrutura alimentar. As noções encontradas em cada livro podem ser consultadas no Quadro 2.

Para que se possa compreender as noções no Quadro 2, são demandados alguns conhecimentos prévios por parte da criança, os quais estão listados no Quadro 3. Esses conhecimentos prévios, integrantes das noções complementares, compõem a *Áurea Conceitual* do termo *Alimentação*.

Quadro 2 - Noções complementares encontradas nos livros analisados neste estudo

Noção principal <i>Alimentação</i>	Título dos Livros		
Noções complementares	A Vida do Elefante Basílio	As Frangas	Meu Livro de Folclore
Comensalidade	Sim	Sim	Sim
Sazonalidade	Não	Sim	Sim
Cultura Alimentar	Não	Sim	Sim
Racismo Alimentar	Não	Sim	Não
Escolha Alimentar	Sim	Não	Sim
Estrutura Alimentar	Sim	Sim	Não
Comportamento Alimentar	Não	Sim	Não

Quadro 3 - Composição da área conceitual do vocábulo *Alimentação*

Noções complementares	Conhecimentos prévios para entendimento das noções complementares depreendidos dos livros
Comensalidade	Relações sociais no momento da alimentação e comer com companhia; Formas de interação particular com o alimento; Origem dos alimentos; Formas de preparo do alimento - questões culturais.
Sazonalidade	Temporalidade; Período de colheita; Maturação dos alimentos.
Cultura Alimentar	Regional <i>versus</i> Global; Diferenças culturais.
Racismo Alimentar	Respeito às diferenças; Reconhecimento de costumes diferentes.
Escolha Alimentar	Influências no momento da escolha.
Estrutura Alimentar	Tipo de refeição; Horários.
Comportamento Alimentar	Forma de comer; Mudanças de comportamento em diferentes épocas.

Na sequência, trazem-se exemplos de trechos dos livros analisados para verificação de como as noções complementares são apresentadas em cada obra. É importante ressaltar que as noções não são trazidas como conceitos prontos, mas são ensinadas para as crianças através de ações dos personagens, de exemplos concretos e de menção aos conhecimentos prévios no Quadro 3.

Noção de Comensalidade

A comensalidade pode ser definida como a capacidade de estabelecer relações de sociabilidade, reunindo as pessoas em torno da mesa, fazendo com que a comida tenha função agregadora⁶. Já para o minidicionário Silveira Bueno¹⁵, comensalidade é a camaradagem à mesa.

Neste sentido é que observaremos a construção da noção de comensalidade nos livros deste estudo. Vínculos sociais e formas de interação particular com o alimento, as formas de preparo da comida – relações culturais implicadas – e a origem dos alimentos – convívio com o meio ambiente – são concepções trazidas nos livros que irão compor a noção de comensalidade.

Em *Meu Livro de Folclore*¹², no conto *O Macaco e a Velha*, a origem do alimento é apresentada ao leitor: “Na frente tinha um jardim e atrás um montão de **bananeira**”¹² (p. 60) (grifo nosso). Menciona-se bananeira e, ao buscar seu significado, a criança conseguirá relacionar o meio e seu produto (banana). Neste mesmo livro, Azevedo¹² promove a reflexão sobre a origem da laranja:

Fui pro mar colher laranja,
fruta que no mar não tem;
vim de lá todo molhado
das ondas que vão e vêm¹² (p.26).

Ao afirmar que a laranja foi colhida no mar e ao mesmo tempo dizer que é uma fruta que no mar não tem, a criança pode ficar confusa e começar a se questionar: Como assim tem laranja no mar? De onde vem a laranja? A laranja vem de um arbusto ou de uma árvore? Instiga-se a busca de uma resposta para origem dos alimentos.

No livro *As Frangas*¹¹, o leitor é posto em contato com uma bergamoteira ao ser interrogado pelo autor quanto ao conhecimento desta árvore frutífera: “Tinha também um jasmineiro tão cheiroso que dava até tontura na gente, umas margaridas e uma bergamoteira. Você sabe o que é ber-ga-mo-tei-ra? Pois é uma árvore que dá

bergamota, entendeu?”¹¹ (p. 12). Em seguida, o autor explica o que é uma bergamota àqueles leitores de fora do Rio Grande do Sul e qual outro nome a fruta recebe.

No livro *A Vida do Elefante Basílio, Veríssimo*¹³ narra sobre as noites do elefante e de seu amigo que, mesmo vindos de dois locais distintos, sendo de culturas e espécies diferentes, compartilham um mesmo alimento em um momento de lazer: “De noite iam os dois ao cinema, comiam amendoim, divertiam-se bastante e voltavam para casa às nove e meia”¹³ (p. 34). Assimila-se com isso que há relações sociais positivas que ocorrem juntamente com o ato alimentar.

Em *As Frangas*¹¹, as interações sociais são motivadas por conta das personagens adorarem comer, sendo o ato alimentar, por isso, um momento de compartilhar e de aproximação.

Acho que foi principalmente por isso que ela e as irmãs Maria Rosa, Maria Rita e Maria Ruth se deram tão bem. As quatro juntas só pensam em bicar o tempo todo. E bicam qualquer coisa - não são como a Juçara, que é naturalista e só bica arroz integral.

[...]

Maria Rosa, Maria Rita e Maria Ruth, nem se fala: enfim, uma companhia para bicar sem falar.¹¹ (p. 47)

Ao final do livro, Abreu¹¹ (p. 51) também convida os leitores para um momento de interação que envolve a alimentação: “[...] elas existem mesmo, são bem como eu disse. Estão em cima da geladeira aqui de casa pra quem quiser ver. **Vem tomar um guaraná comigo que eu te mostro**” (grifo nosso).

Por haver muitas esferas em que a alimentação faz parte, grupos diferentes podem não se dar bem ou apenas não conseguir dividir uma refeição. No *Meu Livro de Folclore*¹², mostra-se que muitas vezes seres diferentes se conflitam no momento da refeição, estabelecendo uma relação desagradável e de disputa:

Um macaco vinha passando e a mulher chamou:

- Me ajuda a catar?

O macaco disse sim. Trepou pelas folhas, deu um suspiro e desandou a comer tudo quanto foi banana bem bonita.

A velha gritou:

- Safado!¹² (p. 60)

No que tange ao preparo das refeições, observa-se no decorrer do conto *O macaco e a velha*¹² uma oportunidade de o leitor participar do preparo de um alimento. Azevedo¹² descreve as etapas de preparo da refeição feita com o macaco como parte

principal do prato: temperar, assar, servir. Temos ainda uma sequência de ações posteriores a cocção que partem de “a cozinheira serviu o macaco num prato enfeitado com arroz, feijão-preto, couve, farofa e mandioca frita”¹² (p. 65) até o momento de a “Velha” mastigar. Em alguns versos, constata-se a ordem de preparação do alimento até seu consumo:

me tempera devagar
[...]
me assa devagar
[...]
me mastiga devagar
[...]¹² (p. 63-5)

Já no livro *As Frangas*, Abreu¹¹ esclarece como se preparam “frangas”: “Estas aqui em casa estão acostumadas só comigo, com a Jacqueline e com a Lourdes, a empregada. Que está proibidíssima de **torcer o pescoço delas, depenar e cozinhar**” (p. 38) (grifo nosso). Enfim, temos uma noção de comensalidade que não é conceitual, mas é exposta por um conjunto de conhecimentos básicos que permitiriam entender a prática da comensalidade e viabilizariam e a construção de um conceito.

Noção de Sazonalidade

A sazonalidade é regida pelas estações do ano e influencia tanto a disponibilidade de alimentos quanto de nutrientes¹⁶. Há variações sazonais de acordo com o tipo de alimento. Neste sentido, é possível observar o que os livros comentam sobre o período em que as frutas estão boas ou não para a colheita e sobre como deve ser aparência dessas. Configura-se, assim, a noção de sazonalidade.

No livro *As Frangas*¹¹, o autor comenta que no pátio da casa onde morou existiam muitas árvores e que no verão a pereira “enchia-se de peras”¹¹ (p. 11). O autor não conceitua o termo “sazonalidade”, mas permite que se observe as diferenças maturacionais dos frutos, conforme a época e espécie, propiciando a construção de um conhecimento atrelado à noção de sazonalidade, construindo-o com a criança por meio de exemplos concretos.

Esquisito é que as uvas cor-de-rosa sempre eram as últimas a amadurecer. Desde dezembro, ficava todo mundo de olho nelas, na maior impaciência. Lá pelo Natal, amadureciam as pretas. As brancas só amadureciam no meio de janeiro, na época do aniversário do meu irmão, Gringo. Mas as cor-de-rosa...

Meu Deus, como as diabas demoravam: só na altura do Carnaval. Isso que todo dia a gente cuidava¹¹ (p. 15-16).

No livro *Meu Livro de Folclore*¹², no conto *O Macaco e a Velha*, a sazonalidade é abordada de forma breve, mediante indicação do momento em que a fruta banana poderá ser colhida, em que pese seu estado maturacional e sua aparência: “Perto da porta da cozinha ficava uma escada de pegar banana. A escada quebrou. As bananas estavam **madurinhas**”¹² (p. 60) (grifo nosso).

Em complementação, o autor sugere que é possível, por meio do uso dos órgãos do sentido, verificar quando um alimento não está bom para o consumo ou num estado maturacional não desejável. Para isso, faz uso do personagem Macaco e, numa cena cômica, manifesta o desgosto desse quanto à qualidade do alimento na ação de jogar na Velha uma “banana verde ou então fedida, cheia de mosca e mancha preta”¹² (p. 60-61).

Noção de Cultura Alimentar

A cultura alimentar diz respeito às formas de manifestação das pessoas na sociedade com relação ao alimento, visto que o comer se constitui também a partir das relações socioculturais e pessoais¹⁷. Um dos tópicos interessantes que o livro *As Frangas*¹¹ aborda é o multiculturalismo brasileiro, posto que um mesmo alimento possui nomes diferentes, dependendo da região do país. Abreu¹¹ apresenta a *bergamota* para os leitores, indicando ser este nome de fruta oriundo da região sul do país.

Você sabe o que é ber-ga-mo-tei-ra? Pois é uma árvore que dá bergamota, entendeu? Não? Tá bom, eu explico. É que tudo isso aconteceu bem lá no Sul do Brasil. Lá tem umas coisas que também tem aqui, só que a gente chama de outro nome. Bergamota, por exemplo, é essa frutinha amarela que em outros lugares chamam de mexerica. Sempre achei que ela tinha mais cara mesmo era de bergamota¹¹ (p. 12).

A *bergamota* é chamada de *mexerica*, *tangerina* ou *laranja-cravo* em outras regiões do Brasil. Da mesma maneira, *mandioca* é chamada de *aipim*, *macaxeira* ou *maniva*; *pão francês*, de *pão de sal* ou *cacetinho* (região sul); entre outros¹⁸. A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2008-2009¹⁹ mostra que o feijão é um dos alimentos mais consumidos pelos brasileiros. O prato *feijoada* é divulgado ao público

infanto-juvenil no *Meu Livro de Folclore*¹², através da resposta de uma das adivinhas populares:

O que é, o que é,
 Tem lombo de porco
 Tem orelha de porco
 Tem costela de porco
 Mesmo assim não é porco?¹² (p. 13)

O autor, ao expor os ingredientes desta forma, faz com que a criança tenha conhecimento do que compõe o prato que ela consome ou ouviu falar, incita a reflexão sobre cultura alimentar (pratos típicos), alimentos regionais, práticas e hábitos alimentares regionalizados.

No livro de Azevedo¹², há citação de um comportamento que pode causar estranhamento ao leitor. Durante uma conversa entre dois homens, um deles fala: “Pega um fósforo e acende uma fogueira. Vamos fazer um churrasco de sapo!” (p. 6). A fala deste homem menciona o “churrasco”, uma refeição muito comum aos gaúchos. Contudo, quando o sapo é mencionado, pode-se gerar no leitor certo questionamento, visto que carne de sapo não é o comum. Notavelmente, há interessantes reflexões sobre cultura e alimentação entre os livros estudados.

Noção de Racismo Alimentar

Daniel²⁰ (p. 15) enuncia que “culturas diferentes tendem a comer comidas diferentes” e introduz o termo “racismo alimentar”, trazendo exemplos de livros nos quais personagens suspeitam de determinadas comidas quando provenientes de culturas dissemelhantes. Mediante as leituras efetuadas, encontrou-se uma passagem que traz a noção de racismo alimentar, como se verificará na sequência.

Em *As Frangas*¹¹, como cada franga é proveniente de um lugar diferente – nacional ou internacional –, houve certa dificuldade de relacionamento entre elas. O livro permite interpretar que essas diferenças alimentares atrapalhavam as relações sociais entre duas frangas, mas que logo foi resolvido, como é possível perceber no trecho abaixo:

A única que teve umas dificuldades, no começo, foi a Juçara. É que a Blondie adora coca-cola, e come muita porcaria, hambúrguer, cachorro-quente, catchup, coisas enlatadas. **A Juçara achava um horror, mas acabou**

desculpando. Agora vira e mexe, estão as duas de papo¹¹ (p. 47) (grifo nosso).

Há inicialmente uma ideia um tanto quanto preconceituosa por parte de Juçara quanto aos hábitos alimentares de Blondie, a qual traz arraigado ao seu comportamento um rol de alimentos comuns ao local de onde ela provém. Por isso, uma aproximação com a noção de racismo alimentar.

Noção de Escolha Alimentar

Escolha alimentar engloba eleger e consumir alimentos e bebidas, ponderando-se sobre peculiaridades do comportamento alimentar⁵. Podemos observar as diferentes fontes alimentares e o que chama mais a atenção de cada espécie de animal, no momento de suas escolhas alimentares, em *A Vida do Elefante Basílio*¹³:

O velho Crocodilo sem dentes, que morava na lagoa, viu o recém-nascido e disse baixinho: 'Que petisco gostoso para o meu jantar...'. E ficou lambendo os beiços. A Naja, que é uma cobra muito venenosa, olhou para a barriga **roliça** do elefantinho e disse: 'Que **carninha macia** para uma mordida!'. E botou para fora a sua língua de forquilha¹³ (p. 14).

Um dos fatores que pode influenciar na hora de selecionarmos os alimentos é a sua aparência, o que é possível depreendermos dos grifos no trecho acima. A imagem do filho elefante como um “bebê gorducho e lustroso” chama a atenção dos animais predadores devido às suas características. A salivação, o lambar dos beiços e a menção à língua aparecem como uma forma concreta de demonstrar atração pelo alimento. Transita-se, pois, do gosto regionalizado, anteriormente discutido, para o gosto particularizado, influenciador da escolha alimentar.

No *Meu Livro de Folclore*¹², em *Monstregos de nossa terra*, menciona-se uma escolha alimentar excêntrica ou estranha para o leitor, pois há relatos de que o Lobisomem “às vezes ataca, mordendo as pessoas. Uiva para a lua e aprecia comer **cocô de galinha**” (p. 53) (grifo nosso). As particularidades do gosto que influenciam as seleções de alimentos são trazidas nos livros, compondo a noção de escolha alimentar.

Noção de Estrutura Alimentar

A estrutura alimentar é definida como “horários, tipo e regularidades das refeições”⁵ (p. 24). Esta questão é abordada em Abreu¹¹ e Veríssimo¹³ ao mencionarem os horários em que refeições são feitas, os tipos de refeições, além de locais específicos para sua realização, como é possível verificar nos trechos que seguem:

Franga, eu já disse, tem muito medo de quem não conhece. Sempre acham que vão torcer o pescoço delas, depenar e enfiar numa panela pra servir no **almoço** de domingo¹¹ (p. 38) (grifo nosso - menção ao tipo de refeição).

Eu gosto muito quando acordo de **manhã** e vou fazer café na **cozinha**.¹¹ (p. 51-2) (grifo nosso - menção ao horário e local da refeição).

Quando se menciona o almoço de domingo, no livro de Abreu¹¹, a criança entra em contato com refeições específicas em determinados períodos do dia. Ela pode comparar a frequência com que se faz esta refeição em outros dias da semana ou mesmo se esta definição é apenas para refeições no domingo. Assim, há uma noção de estruturação da alimentação, uma organização que inclusive dá nome a refeições segundo os períodos do dia.

Quanto a segunda citação de Abreu¹¹, percebe-se o estabelecimento e validação de um espaço do comer, como a cozinha, visto que não se come em qualquer lugar, mas num local específico. Novamente, há uma estruturação da alimentação em termos espaciais.

Noção de Comportamento Alimentar

O comportamento alimentar é definido pela forma que se come e como o fazemos, além de outras ações voltadas ao ato alimentar⁵. A noção de comportamento alimentar é apresentada ao leitor por Abreu¹¹ quando este menciona haver um jeito certo de comer, uma forma correta de bicar um grão de milho, sendo este aprendizado de extrema importância para as suas frangas:

Grão de milho, por exemplo, tem um jeito certo de bicar. Não pode ser de lado, senão ele pula fora. Tem que ser bem em cima. E uma bicada só, bem rapidinho¹¹ (p. 35).

O autor também compara o comportamento alimentar dos antepassados com os atuais. Destaca que no pátio dele existia uma horta, onde ele e sua família plantavam uma grande variedade de alimentos, estabelecendo um vínculo com a comida, e que hoje as pessoas não preservam mais essa proposta.

Uma das coisas boas de quem mora numa casa com um pátio assim enorme é que pode ter uma horta e plantar. Hoje em dia as pessoas só compram legumes. Na feira, na quitanda, no supermercado, você sabe. [...] Mas, com aquele monte de legumes, era só ir lá e colher. Não precisava comprar¹¹ (p. 20).

Abreu¹¹ mostra ao leitor como os comportamentos alimentares se alteram por questões históricas e de costumes. Além disso, é mencionada a forma de comer o grão de milho pelas frangas. Demonstrado que cada ser possui uma maneira de comer e que esta pode variar por questões subjetivas (de acordo com o tipo de alimento) e ambientais.

DISCUSSÕES

Noções complementares podem ajudar a criança a desenvolver desde uma noção básica até um conceito mais complexo de *Alimentação*. Esse progresso conceitual é oportunizado por meio do contato com exemplos concretos apresentados nos livros e pela própria vivência “simulada” através das ações dos personagens. Parece ser possível aprender de maneira lúdica com a leitura de histórias²¹, bem como haver oportunidade de assimilação de conceitos.

No entanto, nem sempre o esforço que se faz para que as crianças desenvolvam certas noções (ou conceitos) é suficiente, pois muitas vezes se utiliza uma metodologia ou tema pouco propício para alcançar esta finalidade. Na escola, geralmente a noção de saudável é trabalhada restringindo-se à ideia de benefícios ou malefícios de um alimento para o corpo; logo, o assunto aparece dissociado do contexto natural e sociocultural dos próprios estudantes²². Por isso, há que se pensar nas maneiras de desenvolver noções.

Mas por que as noções expressas neste estudo são relevantes para a vida das crianças, necessitando serem desenvolvidas? Como se desenvolvem as noções? Como a literatura pode contribuir neste processo? Discutir-se-á sobre a importância

dessas noções atreladas ao conceito de Alimentação. Comentar-se-á ainda sobre como se desenvolvem estas noções e sobre o apoio da literatura infantojuvenil nesta evolução.

Regras e interações entre sujeitos são parte do processo de socialização, então é natural que a compreensão do que é alimentação, como um sistema não estático, demande dos sujeitos o entendimento de noções elementares como comensalidade e estrutura alimentar⁵. Nos momentos práticos de refeição, aprende-se sobre cultura, comensalidade¹⁹, horários, tipo e regularidade das refeições, como e de que forma comer⁵, além de outras noções referentes à alimentação que são importantes para a vida das crianças. Comer em companhia é a chave da noção de comensalidade, pois leva em conta as interações que ocorrem no momento da alimentação.

O Guia Alimentar para População Brasileira¹⁹ reforça a importância das relações: “sempre que possível, prefira comer em companhia, com familiares, amigos ou colegas de trabalho ou escola. Procure compartilhar também as atividades domésticas que antecedem ou sucedem o consumo de refeições” (p. 96). Destaca ainda a relevância de cultivar e fortalecer os laços interpessoais como um exercício de convivência. O desenvolvimento das relações humanas é importante para o entendimento do outro, respeito às personalidades e às diferenças²³.

Ao estruturarmos as refeições, organizamos e gerenciamos o consumo alimentar diário, além de ajustarmos este ao ritmo de vida pessoal²⁴. Conclui-se que a noção de comensalidade faz com que a criança comece a aprender a socializar, enquanto a noção de estrutura viabiliza o regramento e a determinação de valores empregados nas escolhas.

Além disso, alguns livros deste estudo apresentam para as crianças a ideia de sazonalidade ao referir que cada alimento possui um tempo de maturação. A colheita de frutas e hortaliças, no Brasil, diferencia-se de acordo com épocas do ano e locais de produção²⁵. Por isso, entender sobre sazonalidade auxilia na compreensão de que os alimentos não estão sempre disponíveis²⁶.

Em relação à noção de cultura alimentar, sabe-se que a culinária brasileira incorpora diferentes costumes e tradições¹⁸. A natureza e a cultura fazem parte da nossa alimentação²⁷, e a literatura pode ser aliada na apresentação das diversas tradições alimentares brasileiras, fazendo a criança entender sobre diferenças. Essa oportunidade concedida pela literatura auxilia em termos de acesso a informações

culturais, o que nem sempre seria possível na prática do sujeito, porque, por exemplo, experimentar determinadas iguarias, pode ser tornar caro.

A extensão territorial brasileira favorece a heterogeneidade sociocultural, bem como a variedade de alimentos, o que influencia os hábitos alimentares; o fisiológico não é a única razão para a escolha dos alimentos²⁸. Portanto, a noção de cultura alimentar é importante para ilustrar como os hábitos alimentares são construídos e influenciados.

A alimentação comunica sobre um estilo de vida, verificável nas diferenças através de textos e livros antigos²⁹. Desde pequenos, somos ensinados a comer aquilo que é comum ao nosso meio, a cultura regional. Porém, mesmo dentro de um mesmo grupo pode haver diferenças alimentares influenciadas por questões culturais e sociais²⁷. O estranhamento entre pessoas causado por consumo de comidas incomuns ou por ritos alimentares desconhecidos é denominado racismo alimentar.

Atualmente, as diferenças culturais permanecem nem sempre sendo bem aceitas. Ainda que haja uma grande homogeneização das culturas alimentares, através das redes mundiais de *fast food*, “culturas diferentes tendem a comer comidas diferentes”²⁰ (p. 15), fazendo com que as comidas sirvam também para estigmatizar²⁷. Portanto, o ensinamento sobre as diferenças, bem como a superação destas, e sobre o respeito à cultura alimentar fazem-se necessários ao leitor como um ser social. Por isso, a relevância da ilustração que Abreu¹¹ sobre a existência de um racismo alimentar e sua superação gradual.

Ordinariamente, estão presentes na vida dos indivíduos alguns rituais e regras relacionados à alimentação, os quais motivam a existência das noções de estrutura e escolhas alimentares. Nomes de refeições, alimentos específicos por refeição, o que é ou não de comer, o local das refeições e as formas de comer organizam e regulam o ato alimentar, bem como as seleções de alimentos que efetuamos³⁰.

A noção de escolhas alimentares é abordada pela menção de influências, como aparência e preferência, na decisão final, como apresentado por Abreu¹¹ e Azevedo¹². A compreensão pelo leitor de que existem influências sobre as seleções auxilia para que este perceba que fazer uma escolha não é algo tão simples, pois envolve diversas esferas, as quais carecem de ser analisadas e ponderadas para se tornarem mais conscientes.

Apesar de a alimentação ser um ato subjetivo, deve ser percebida também em seu aspecto social, voltado para obediência de regras e etiqueta como para

consideração de diferentes segmentos sociais e ocasiões alimentares²⁸. No livro de Abreu¹¹, há um exemplo sobre formas admitidas de comer. Esse entendimento é importante para tornar o sujeito consciente de seu próprio comportamento alimentar e do que está atrelado a este.

Em verdade, a relevância do desenvolvimento de todas as noções relativas à alimentação, abordadas neste estudo, deve-se à necessidade de consolidação de conhecimentos que oportunizem ao sujeito uma conduta mais autônoma e mais saudável.

A constituição da autonomia para escolhas mais saudáveis no campo da alimentação depende do próprio sujeito, mas também do ambiente onde ele vive. Ou seja, depende da capacidade individual de fazer escolhas de governar e produzir a própria vida e também de condições externas ao sujeito[...]”¹⁹ (p. 22).

Quando falamos sobre a construção das noções, referimo-nos à compreensão e à criação de conceitos conforme a criança amadurece. Piaget² entende “o desenvolvimento mental, basicamente, como um processo de adaptação ao meio e uma extensão do desenvolvimento biológico” (p. 6). O pensamento lógico é construído através da interação homem-objeto³, e o progresso das estruturas de inteligência e sentimentos começam na primeira infância.

No período operatório-concreto, em que se enquadram melhor os leitores para os quais se destinam os livros deste estudo, a criança é capaz de efetuar “processos de pensamentos lógicos (operações) que podem ser aplicados a problemas reais (concretos)”² (p. 103). Ainda, há a construção de conhecimentos elementares e básicos que irão compor posteriormente um todo complexo¹. Ponderando-se sobre as limitações do pensamento concreto, é indicável que os livros destinados a leitores deste período tragam exemplos, vivenciáveis através dos personagens, para que sejam de fato compreendidos certos conceitos.

Piaget¹ explica que o desenvolvimento de noções até conceitos complexos ocorre mediante tomadas de consciência. Este processo acontece gradativamente e continuamente. Porém, demanda um fator desequilibrante, como o contato com uma informação ainda desconhecida ou pouco estruturada pelo sujeito e que conste em um livro de literatura. A verdade é que “não há nutrição sem necessidade alimentar; não há trabalho sem necessidade; não existe ato de inteligência sem questão, isto é, sem que se sinta uma lacuna, portanto, sem desequilíbrio, sem necessidade”³¹ (p.

145). Destarte, é importante oportunizar desequilíbrios que incitem o indivíduo a buscar respostas.

Na busca por respostas, o sujeito assimila⁽¹⁾ e acomoda⁽²⁾ novos objetos e noções ou mesmo reelabora aqueles dados que já internalizou. Dessa maneira, há possibilidade de conscientização progressiva sobre ações relacionadas com a alimentação que se fundamentam em noções e conceitos mais complexos, viabilizando maior autonomia ao sujeito.

O livro e a literatura – como objetos desequilibrantes – contribuem para tomadas de consciência e desenvolvimento de conceitos relacionados à alimentação. A leitura é uma forma de promover a representação simbólica. Contudo, a criança precisará do conhecimento físico dos objetos, como o tamanho, forma, textura e peso para consolidar noções e conceitos. Isto significa que a leitura, mesmo com ilustrações, é apenas um dos pilares para construção do conhecimento de mundo da criança, mas não o único.

Quando se estimula a criança a ler, promove-se a reflexão e a formulação de pensamentos críticos sobre os assuntos apresentados. Além disso, as histórias, além de despertarem a curiosidade, trabalham o imaginário da criança, enriquecendo, assim, suas representações e conceitos sobre a vida⁷. Bier³³ (p. 69) explica que

a interação da criança com a literatura se apresenta como uma ponte que a auxilia, no seu desenvolvimento cognitivo para estimular todas as potencialidades latentes em seu ser [...].

O mundo representado pelas histórias infantis pode ser entendido como real pelas crianças, a vivência de experiências alimentares através dos personagens pode auxiliar no desenvolver de conceitos que fazem parte de suas vidas e que afetam decisões e escolhas conscientes.

CONCLUSÃO

Percebe-se que a literatura é importantíssima para o desenvolvimento cognitivo da criança, auxiliando na compreensão de como o meio se organiza e se manifesta.

(1) “É a fusão de um objeto novo a um esquema já existente.”³² (p. 35)

(2) É a modificação de um esquema ou estruturação de um novo com a finalidade de comportar um objeto até então ignorado ou inexplorado.

Além disso, a literatura pode ajudar criando ou modificando hábitos. Os livros infantojuvenis são aliados importantes na hora de se trabalhar com a construção de conceitos relacionados à alimentação com vistas à conscientização sobre escolhas. Deve-se ter cuidado com reducionismos; é preciso trabalhar com as diversas esferas relacionadas ao ato de comer. O desenvolvimento das noções é oportunizado através dos questionamentos e das vivências dos personagens presentes nas histórias.

Durante as leituras, podem ser propostos momentos de reflexão para criança, estimulando-se assim o pensamento crítico. Os livros podem causar desequilíbrios nos sujeitos, ajudando para que o processo de tomada de consciência ocorra, contribuindo para a formação de noções através da literatura. Além disto, o entendimento destas noções pode auxiliar na autonomia quando das escolhas alimentares, além de viabilizar a compreensão e respeito às diferenças e ao modo de se portar à mesa. Contudo, outros estudos ainda se fazem necessários para que os resultados apresentados neste trabalho sejam comprovados em termos práticos, observando-se, por exemplo, como o desenvolvimento das noções aqui mencionadas realmente acontecem quando da leitura de livros pela criança e quais são as dificuldades encontradas no desenrolar do processo de aprendizado.

REFERÊNCIAS

- 1 Piaget J. A tomada de consciência. São Paulo: Melhoramentos; 1977.
- 2 Wadsworth BJ. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. São Paulo: Pioneira; 2003.
- 3 Terra MR. O desenvolvimento humano na teoria de Piaget [Internet]. [citado 08 maio 2019] Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>.
- 4 Giordan A, Vecchi G. As origens do saber: das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos. 2a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.

5 Alvarenga M, Koritar P. Atitude e comportamento alimentar - determinantes de escolhas e consumo. In: Alvarenga M *et al.* Nutrição comportamental. Barueri: Manole; 2015. p. 23-50.

6 Lima RS, Neto JAF, Farias RCP. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. *Demetra*. 2015; 10(3): 507-522.

7 Blanco VJ, Silva WPM, Sobieszczanski M. A literatura infanto-juvenil sob a perspectiva da psicologia. *Educ. Cienc. Cult.*. 2015;20(2):113-128.

8 Juzwiak CR. Era uma vez... um olhar sobre o uso dos contos de fada como ferramenta de educação alimentar e nutricional. *Interface (Botucatu)*. 2013; 17(45):473-484.

9 Lawatsch DE. A comparison of two teaching strategies on nutrition knowledge, attitudes and food behavior of preschool children. *J Nutr Educ*. 1990; 22(3):117-123.

10 Byrne E, Nitzke S. Preschool children's acceptance of a novel vegetable following exposure to messages in a storybook. *J Nutr Educ Behav*. 2002; 34(4):211-214.

11 Abreu CF. *As frangas*. São Paulo: Globo; 2001.

12 Azevedo R. *Meu livro de folclore*. 7a ed. São Paulo: Ática; 2002.

13 Veríssimo E. *A vida do elefante Basílio*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas; 2002.

14 Deslauriers JP. *Recherche Qualitative*. Montreal: McGraw Hill; 1991.

15 Bueno S. Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD; 2000.

16 Bonomo E. Como medir a ingestão alimentar? In: Oliveira JED *et al.* (coord) Obesidade, anemia carencial na adolescência: Simpósio [Internet]. São Paulo: Instituto Danone; 2000. [citado 03 maio 2019]. Disponível em: http://www.farmacia.ufrj.br/consumo/leituras/ld_danone_adolesobeso.pdf#page=117.

17 Leonardo M. Antropologia da alimentação. Rev. Antropos. 2009; 3(2):1-6.

18 Brasil. Ministério da Saúde. Alimentos regionais brasileiros. 2a ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2015.

19 Brasil. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira. Brasília: Ministério da Saúde; 2014.

20 Daniel C. Voracious Children: Who Eats Whom in Children's Literature. New York: Routledge; 2006.

21 Coelho NN. Literatura infantil: teoria, análise e didática. 1a ed. São Paulo: Moderna; 2000.

22 Freitas MCS *et al.* Escola: lugar de estudar e de comer. Cien Saude Colet. 2013; 18(4):979-985.

23 Cordeiro LL. O significado de "relações humanas". Rev Adm Empres. 1961; 1(2): 13-25.

24 Canesqui AM. Mudanças e permanências da prática alimentar cotidiana de famílias de trabalhadores. In: Canesqui AM, Garcia RWD. Antropologia e nutrição:

um diálogo possível. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005. p. 167-210. (Coleção antropologia e saúde).

25 Hortiescolha. Sazonalidade das Frutas e Hortaliças [Internet]. [citado 08 maio 2019]. Disponível em: <http://www.hortiescolha.com.br/biblioteca/sazonalidade-das-frutas-e-hortalicas/>.

26 Lopes ACS, Caiaffa WT, Mingoti SA, Lima-Costa MFF. Ingestão alimentar em estudos epidemiológicos. Rev Bras Epidemiol. 2003; 6(3):209-219.

27 Maciel ME. Identidade cultural e alimentação. In: Canesqui AM, Garcia RWD (Org.). Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2005. p. 49-55. (Coleção antropologia e saúde).

28 Daniel JMP, Cravo VZ. Valor social e cultural da alimentação. In: Canesqui AM, Garcia RWD (Org.). Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; 2005. p. 57-68.

29 Flandrin JL, Montanari M. História da Alimentação. 6a ed. São Paulo: Estação Liberdade; 1998.

30 Blanco VJ. Regras alimentares: um estudo sobre a orientação da consciência moral na infância e adolescência [dissertação]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2019.

31 Piaget J. Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant. Bulletin de Psychologie. 1954; VII.

32 Battro AM. Dicionário Terminológico de Jean Piaget. São Paulo: Livraria Pioneira Editora; 1978.

33 Bier ML. A criança e a recepção da literatura infantil contemporânea: uma leitura de Ziraldo (dissertação). Tubarão (SC): Universidade do Sul de Santa Catarina; 2004.

6 NORMAS DA REVISTA DE INTERESSE DE SUBMISSÃO

6.1 Revista

Interface - Comunicação, Saúde, Educação é uma revista on-line aberta, interdisciplinar e trimestral, publicada trimestralmente pela Unesp (Laboratório de Educação e Comunicação em Saúde, Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Botucatu). Centra-se na Educação e Comunicação nas práticas de saúde, na formação de profissionais de saúde (tanto na universidade como na educação continuada) e na Saúde Coletiva em sua articulação com a Filosofia, as Artes e as Ciências Sociais e Humanas. Abordagens críticas e inovadoras e pesquisa qualitativa são priorizadas.

6.2 Seções do periódico: Artigos

Artigos aceitos são textos analíticos resultantes de pesquisas originais teóricas ou de campo referentes a assuntos de interesse da revista com até seis mil palavras. A contagem de palavras no texto inclui referências e gráficos e exclui título, resumo e palavras-chave.

6.3 Forma e preparação do manuscrito

6.3.1 Formato e Estrutura

Formato do texto: Os originais devem ser digitados em Word ou RTF, fonte Arial 12, respeitando o número máximo de palavras definido por seção da revista. Todos os originais submetidos à publicação, sem exceção, devem ter autoria com a afiliação completa (Instituição, cidade, estado e país) e ID do ORCID, título próprio diferente do título da seção, nos três idiomas da revista (português, inglês e espanhol), citações e referências bibliográficas. Devem conter, também, resumo e palavras-chave alusivas à temática, nos três idiomas, com exceção das seções Resenhas, Notas breves e Cartas ao Editor. O texto inicial da seção Debates deve dispor de título, resumo e palavras-chave alusivas à temática, nos três idiomas da revista (português, inglês e espanhol). Os demais textos do Debate devem apresentar apenas título nos três

idiomas. As entrevistas devem dispor de título e palavras-chave nos três idiomas. As resenhas devem apresentar, na primeira página do texto, o título da obra resenhada no seu idioma original, seguido de um subtítulo alusivo ao tema da obra resenhada, elaborada pelo autor da resenha.

As seguintes precauções devem ser tomadas pelos autores ao submeter seu manuscrito:

Excluir do texto todas as informações que identificam a autoria do trabalho, em referências, notas de rodapé e citações, substituindo-as pela expressão NN [eliminado para efeitos da revisão por pares]. Os dados dos autores são informados apenas em campo específico do formulário de submissão.

- Em documentos do *Microsoft Office*, remover a identificação do autor das Propriedades do Documento (no menu Arquivo > Propriedades), iniciando em Arquivo, no menu principal, e clicando na sequência: Arquivo > Salvar como... > Ferramentas (ou Opções no Mac) > Opções de segurança... > Remover informações pessoais do arquivo ao salvar > OK > Salvar.
- Em PDFs, também remover o nome dos autores das Propriedades do Documento, em Arquivo, no menu principal do *Adobe Acrobat*.
- Informações sobre instituições que apoiaram a realização da pesquisa e/ou pessoas que colaboraram com o estudo mas não preenchem os critérios de autoria também são incluídas em campo específico do formulário de submissão.

Nota: Caso o manuscrito seja aprovado para publicação, todas as informações que foram omitidas devem ser incluídas novamente pelos próprios autores do texto.

Número máximo de autores do manuscrito: limitado a cinco. A partir desse número é preciso apresentar uma justificativa, que será analisada pelo Editor. A autoria implica assumir publicamente a responsabilidade pelo conteúdo do trabalho submetido à publicação e deve estar baseada na contribuição efetiva dos autores no que se refere a: a) concepção e delineamento do trabalho ou participação da discussão dos resultados; b) redação do manuscrito ou revisão crítica do seu conteúdo; c) aprovação da versão final do manuscrito. Todas essas condições devem ser atendidas.

Nota: O número máximo de manuscritos de um mesmo autor, nos Suplementos, está limitado a três.

Página inicial do manuscrito (Documento principal): deve conter as seguintes informações (em português, espanhol e inglês): título, resumo e palavras-chave. Na contagem de palavras do resumo, excluem-se título e palavras-chave. Observe as exceções indicadas no item 1, em relação a essas informações.

Título: deve ser conciso e informativo (até vinte palavras).

Notas: Se no título houver sigla, o seu significado por extenso deve estar incluído nas vinte palavras. Se no título houver nome de cidade, deve-se complementar com estado e país, tudo incluído nas vinte palavras.

Resumo: deve destacar os aspectos fundamentais do trabalho, podendo incluir o objetivo principal, o enfoque teórico, os procedimentos metodológicos e resultados mais relevantes e as conclusões principais (até 140 palavras). Deve-se evitar a estrutura do resumo em tópicos (Objetivos, Metodologia, Resultados, Conclusões).

Notas: Se no resumo houver sigla, o seu significado por extenso deve estar incluído nas 140 palavras. Se no resumo houver nome de cidade, deve-se complementar com estado e país, tudo incluído nas 140 palavras.

Palavras-chave: devem refletir a temática abordada (de três a cinco palavras).

Notas de rodapé: identificadas por letras pequenas sobrescritas, entre parênteses. Devem ser sequenciais às letras utilizadas na autoria do manuscrito. E devem ser sucintas, usadas somente quando necessário.

6.3.2 Comitê de Ética

Manuscritos referentes a pesquisa com seres humanos devem incluir informação sobre aprovação por Comitê de Ética da área, conforme a Resolução nº 466/2013, do Conselho Nacional de Saúde, ou a Resolução nº 510/2016, que trata

das especificidades éticas das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais. Deve-se informar apenas o número do processo, apresentando-o no corpo do texto, no final da seção sobre a metodologia do trabalho. Esse número deve ser mantido na versão final do manuscrito, se for aprovado para publicação.

6.3.3 *Imagens, figuras ou desenhos*

Manuscritos com ilustrações devem incluir seus respectivos créditos ou legendas e, em caso de imagens de pessoas, deve-se incluir também a autorização para o uso dessas imagens pela revista. Imagens, figuras ou desenhos devem estar em formato tiff ou jpeg, com resolução mínima de 300 dpi, tamanho 16 x 20 cm, com legenda e fonte Arial 9. Tabelas e gráficos torre podem ser produzidos em *Word* ou *Excel*. Outros tipos de gráficos (pizza, evolução...) devem ser produzidos em programa de imagem (*Photoshop* ou *Corel Draw*). Todas as ilustrações devem estar em arquivos separados do texto original (Documento principal), com seus respectivos créditos ou legendas e numeração. No texto deve haver indicação do local de inserção de cada uma delas.

Nota: No caso de textos submetidos para a seção de Criação, as imagens devem ser escaneadas em resolução mínima de 300 dpi e enviadas em jpeg ou tiff, tamanho mínimo de 9 x 12 cm e máximo de 18 x 21 cm.

6.3.4 *Referências e citações*

Interface adota as normas Vancouver como estilo para as citações e referências de seus manuscritos. Detalhes sobre essas normas e outras observações referentes ao formato dos manuscritos encontram-se no final destas Instruções.

Citações no texto: As citações devem ser numeradas de forma consecutiva, de acordo com a ordem em que forem sendo apresentadas no texto. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos. Não devem ser inseridas no modo automático, nem como referência cruzada.

Exemplo:

Segundo Teixeira¹

De acordo com Schraiber²...

Casos específicos de citação:

1 Referência de mais de dois autores: inserida no corpo do texto, deve ser citado apenas o nome do primeiro autor seguido da expressão et al.

2 Citação literal: deve ser inserida no parágrafo, entre aspas (aspas duplas), e acompanhada da página da citação entre parênteses, com a pontuação no final.

Exemplo: Partindo dessa relação, podemos afirmar que a natureza do trabalho educativo corresponde ao “[...] ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” ² (p. 13).

Nota: No caso da citação vir com aspas no texto original, substitui-las pelo apóstrofo ou aspas simples.

Exemplo: “Os ‘Requisitos Uniformes’ (estilo Vancouver) baseiam-se, em grande parte, nas normas de estilo da American National Standards Institute (ANSI) adaptado pela NLM” ¹ (p. 47).

No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará dentro das aspas se a frase começa e termina com aspas.

Exemplo: “Estamos, pois, num contexto em que, como dizia Gramsci, trata-se de uma luta entre o novo que quer nascer e o velho que não quer sair de cena.”⁹ (p. 149)

Quando a frase não está completa dentro das aspas, a pontuação deve ficar fora das aspas.

Exemplo: Na visão do CFM, “nunca houve agressão tão violenta contra a categoria e contra a assistência oferecida à população” (p. 3).

3 Citação literal de mais de três linhas: em parágrafo destacado do texto (um enter antes e um depois), com recuo de 4cm à esquerda, espaço simples, tipo de fonte menor que a utilizada no texto, sem aspas e acompanhada da página da citação entre parênteses (após a pontuação da citação).

Exemplo: Esta reunião que se expandiu e evoluiu para Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas (International Committee of Medical Journal Editors – ICMJE), estabelecendo os Requisitos Uniformes para Manuscritos Apresentados a Periódicos Biomédicos – Estilo Vancouver. ² (p. 42)

Fragmento de citação no texto

– utilizar colchete: [...] encontramos algumas falhas no sistema [...] quando relemos o manuscrito, mas nada podia ser feito [...].

Referências

(Transcrito e adaptado de Pizzani L, Silva RC, fev 2014; Jeorgina GR, 2008)

Todos os autores citados no texto devem constar das referências listadas ao final do manuscrito, em ordem numérica, seguindo as normas gerais do International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE): <http://www.icmje.org>. Os nomes das revistas devem ser abreviados de acordo com o estilo usado no *Index Medicus*: <http://www.nlm.nih.gov>.

As referências são alinhadas somente à margem esquerda e de forma a se identificar o documento, em espaço simples e separadas entre si por espaço duplo. A pontuação segue os padrões internacionais e deve ser uniforme para todas as referências:

Dar um espaço após ponto.

Dar um espaço após ponto e vírgula.

Dar um espaço após dois pontos.

Quando a referência ocupar mais de uma linha, reiniciar na primeira posição.

Exemplos:

Livro:

Autor(es) do livro. Título do livro. Edição (número da edição). Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

Exemplo:

Schraiber LB. O médico e suas interações: a crise dos vínculos de confiança. 4a ed. São Paulo: Hucitec; 2008.

* Até seis autores, separados com vírgula, seguidos de et al., se exceder este número.

** Sem indicação do número de páginas.

Notas: Autor é uma entidade: SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Manjuba (ancharella lepidentostole) no rio Ribeira de Iguape. São Paulo: Ibama; 1990.

Séries e coleções: Migliori R. Paradigmas e educação. São Paulo: Aquariana; 1993 (Visão do futuro, v. 1).

Capítulo de livro:

Autor(es) do capítulo. Título do capítulo. In: nome(s) do(s) autor(es) ou editor(es). Título do livro. Edição (número). Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. página inicial-final do capítulo

Exemplos:

Autor do livro igual ao autor do capítulo:

Hartz ZMA, organizador. Avaliação em saúde: dos modelos conceituais à prática na análise da implantação dos programas. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1997. p. 19-28.

Autor do livro diferente do autor do capítulo:

Cyrino EG, Cyrino AP. A avaliação de habilidades em saúde coletiva no internato e na prova de Residência Médica na Faculdade de Medicina de Botucatu– Unesp. In: Tibério IFLC, Daud-Galloti RM, Troncon LEA, Martins MA, organizadores. Avaliação prática de habilidades clínicas em Medicina. São Paulo: Atheneu; 2012. p. 163-72.

* Até seis autores, separados com vírgula, seguidos de et al., se exceder este número.

** Obrigatório indicar, ao final, a página inicial e final do capítulo.

Artigo em periódico:

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Ano de publicação; volume (número/suplemento):página inicial-final do artigo.

Exemplos:

Teixeira RR. Modelos comunicacionais e práticas de saúde. Interface (Botucatu). 1997; 1(1):7-40.

Ortega F, Zorzanelli R, Meierhoffer LK, Rosário CA, Almeida CF, Andrada BFCC, et al. A construção do diagnóstico do autismo em uma rede social virtual brasileira. Interface (Botucatu). 2013; 17(44):119-32.

* Até seis autores, separados com vírgula, seguidos de et al. se exceder este número.

** Obrigatório indicar, ao final, a página inicial e final do artigo.

Dissertação e tese:

Autor. Título do trabalho [tipo]. Cidade (Estado): Instituição onde foi apresentada; ano de defesa do trabalho.

Exemplos:

Macedo LM. Modelos de Atenção Primária em Botucatu-SP: condições de trabalho e os significados de Integralidade apresentados por trabalhadores das unidades básicas de saúde [tese]. Botucatu (SP): Faculdade de Medicina de Botucatu; 2013.

Martins CP. Possibilidades, limites e desafios da humanização no Sistema Único de Saúde (SUS) [dissertação]. Assis (SP): Universidade Estadual Paulista; 2010.

Trabalho em evento científico:

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho apresentado. In: editor(es) responsáveis pelo evento (se houver). Título do evento: Proceedings ou Anais do ... título do evento; data do evento; cidade e país do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final.

Exemplo:

Paim JS. O SUS no ensino médico: retórica ou realidade [Internet]. In: Anais do 33º Congresso Brasileiro de Educação Médica; 1995; São Paulo, Brasil. São Paulo: Associação Brasileira de Educação Médica; 1995. p. 5 [citado 30 Out 2013]. Disponível em: www.google.com.br

* Quando o trabalho for consultado on-line, mencionar a data de citação (dia Mês abreviado e ano) e o endereço eletrônico: Disponível em: <http://www.....>

Documento legal:

Título da lei (ou projeto, ou código...), dados da publicação (cidade e data da publicação).

Exemplos:

Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; 1988.

Lei nº 8.080, de 19 de Setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos

serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, 19 Set 1990.

* Segue os padrões recomendados pela NBR 6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT – 2002), com o padrão gráfico adaptado para o Estilo Vancouver.

Resenha

Autor (es). Cidade: Editora, ano. Resenha de: Autor (es). Título do trabalho. Periódico. Ano; v(n):página inicial e final.

Exemplo:

Borges KCS, Estevão A, Bagrichevsky M. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. Resenha de: Castiel LD, Guilam MC, Ferreira MS. Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde. Interface (Botucatu). 2012; 16(43):1119-21.

Artigo em jornal:

Autor do artigo. Título do artigo. Nome do jornal. Data; Seção: página (coluna).

Exemplo:

Gadelha C, Mundel T. Inovação brasileira, impacto global. Folha de São Paulo. 2013 Nov 12; Opinião:A3.

Carta ao editor:

Autor [cartas]. Periódico (Cidade). Ano; v(n.):página inicial-final.

Exemplo:

Bagrichevsky M, Estevão A. [cartas]. Interface (Botucatu). 2012; 16(43):1143-4.

Entrevista publicada:

Quando a entrevista consiste em perguntas e respostas, a entrada é sempre pelo entrevistado.

Exemplo:

Yrjö Engeström. A Teoria da Atividade Histórico-Cultural e suas contribuições à Educação, Saúde e Comunicação [entrevista a Lemos M, Pereira-Querol MA, Almeida, IM]. Interface (Botucatu). 2013; 17(46):715-27.

Quando o entrevistador transcreve a entrevista, a entrada é sempre pelo entrevistador.

Exemplo:

Lemos M, Pereira-Querol MA, Almeida, IM. A Teoria da Atividade Histórico-Cultural e suas contribuições à Educação, Saúde e Comunicação [entrevista de Yrjö Engeström]. Interface (Botucatu). 2013; 17(46):715-27.

Documento eletrônico:

Autor(es). Título [Internet]. Cidade de publicação: Editora; data da publicação [data de citação com a expressão “citado”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:” Com paginação: Wagner CD, Persson PB. Chaos in cardiovascular system: an update. Cardiovasc Res. [Internet], 1998 [citado 20 Jun 1999]; 40. Disponível em: <http://www.probe.br/science.html>.

Sem paginação: Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs [Internet]. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12]; 102(6):[about 1 p.]. Available from: <http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htm>Article

* Os autores devem verificar se os endereços eletrônicos (URL) citados no texto ainda estão ativos.

Nota: Se a referência incluir o DOI, este deve ser mantido. Só neste caso (quando a citação for tirada do SciELO, sempre vem o DOI junto; em outros casos, nem sempre). Outros exemplos podem ser encontrados em http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a literatura é importantíssima para o desenvolvimento cognitivo da criança, auxiliando na compreensão de como o meio se organiza e se manifesta. Além disso, a literatura pode ajudar criando ou modificando hábitos. Os livros infantojuvenis são aliados importantes na hora de se trabalhar com a construção de conceitos relacionados à alimentação com vistas à conscientização sobre escolhas. Deve-se ter cuidado com reducionismos; é preciso trabalhar com as diversas esferas relacionadas ao ato de comer. O desenvolvimento das noções é oportunizado através dos questionamentos e das vivências dos personagens presentes nas histórias.

Os livros desequilibram os sujeitos, ajudando para que o processo de tomada de consciência ocorra, contribuindo para a formação de noções através da literatura. Além disto, o entendimento destas noções pode auxiliar na autonomia quando das escolhas alimentares, além de viabilizar a compreensão e respeito às diferenças e ao modo de se portar à mesa. Contudo, outros estudos ainda se fazem necessários para que os resultados apresentados neste trabalho sejam comprovados em termos práticos, observando-se, por exemplo, como o desenvolvimento das noções aqui mencionadas realmente acontecem quando da leitura de livros pela criança e quais são as dificuldades encontradas no desenrolar do processo de aprendizado.

8 REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. *As frangas*. São Paulo, SP: Editora Globo, 2001.

ALVARENGA, M. *et al. Nutrição comportamental*. Barueri, SP: Manole, 2015.

ALVARENGA, M.; KORITAR, P. Atitude e comportamento alimentar - determinantes de escolhas e consumo. In: ALVARENGA, M. *et al. Nutrição comportamental*. Barueri: Manole, 2015. p. 23-50.

AZEVEDO, R. *Meu livro de folclore*. São Paulo, SP: Ática, 2002.

BATTRO, A. M. *Dicionário terminológico de Jean Piaget*. São Paulo, SP: Livraria Pioneira Editora, 1978.

BLANCO, V. J.; SILVA, W. P. M.; SOBIESZCZANSKI, M. A literatura infanto-juvenil sob a perspectiva da psicologia. *Educação, Ciência e Cultura*, v. 20, n. 2, p. 113-128, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia alimentar para crianças menores de 2 anos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Guia alimentar para a população brasileira*. Brasília: Ministério da Saúde; 2014.

BUENO, S. Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2000.

BYRNE, E. M.; NITZKE, S. A. Nutrition messages in a sample of children's picture books. *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, v. 100, n. 3, p. 359, 2000.

D'ONOFRIO, D. P. O papel da literatura infantil na formação da criança: análise do livro "As frangas". *Revista Primeira Escrita*, n. 2, p. 34-44, 2015.

FLANDRIN, J. L.; MONTANARI, M. *História da Alimentação*. 6. ed. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2009.

GIORDAN, A.; VECCHI, G. *As origens do saber: das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos*. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

JUZWIAK, C. R. Era uma vez... um olhar sobre o uso dos contos de fada como ferramenta de educação alimentar e nutricional. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 17, n. 45, p. 473-484, 2013.

LAWATSCH, D. E. A comparison of two teaching strategies on nutrition knowledge, attitudes and food behavior of preschool children. *Journal of Nutrition Education*, v. 22, n. 3, p. 117-123, 1990.

LIMA, R. S.; NETO, J. A. F.; FARIAS, R. C. P. Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade. *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, v. 10, n. 3, p. 507-522, 2015.

MAHAN, L. K.; ESCOTT-STUMP, S.; RAYMOND, J. L. *Krause, Alimentos, Nutrição e Dietoterapia*. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2012.

PIAGET, J. *A tomada de consciência*. São Paulo, SP: Melhoramentos, 1977.

PIAGET, J. Les Relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le development de l'enfant. *Bulletin de Psychologie*, n. VII. 1954.

RAMAKRISHNAN, U.; IMHOFF-KUNSCH, B.; MARTORELL, R. Maternal nutrition interventions to improve maternal, newborn, and child health outcomes. In: Black R. E.; Singhal A.; Uauy R. *International Nutrition: Achieving Millennium Goals and Beyond*. Nestlé Nutr Inst Workshop Ser, v. 78, p. 71–80, 2014.

TERRA, M. R. *O desenvolvimento humano na teoria de Piaget*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em: 08 maio 2019.

VERÍSSIMO, E. *A vida do elefante Basílio*. São Paulo, SP: Companhia das Letrinhas, 2002.

WADSWORTH, B. J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. São Paulo: Pioneira, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Infant and Young child feeding*. Disponível em: <<http://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/infant-and-young-child-feeding>>. Acesso em: 26 out. 2018.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2005.